



Para nos falar do abjeccionismo de Pedro Oom, convidámos **MARIA de FÁTIMA MARINHO** (1954), Professora Emérita da Universidade do Porto, doutorada com tese sobre o Surrealismo em Portugal. Professora Catedrática da FLUP desde 2001, foi Diretora da Faculdade de 2010 a 2014, ano em que assumiu as funções de Vice-Reitora da UP, até 2018. Em novembro de 2015, foi condecorada pelo Governo Francês com as insígnias de Officier de l'Ordre des Palmes Académiques. É autora de vários livros, de entre os quais se salientam: *Herberto Helder, a Obra e o Homem* (1982); *O Surrealismo em Portugal* (1987); *A Poesia Portuguesa nos Meados do Século XX – Ruturas e continuidade* (1989); *O Romance Histórico em Portugal* (1999); *Um Poço sem Fundo – novas reflexões sobre literatura e história* (2005); *History and Myth – the presence of national myths in Portuguese Literature* (2008); *Camilo Castelo Branco e a atração dos abismos* (2022). A sua actividade – que inclui ensaios publicados em inúmeras revistas – centra-se nos estudos dos séculos XIX – XXI: poesia, romance e romance histórico.

## AUTOFICÇÃO DA CIDADE AMOROSA

Construí-a  
irreal  
transparente  
lúcida esguia um mar  
interior na barriga  
correias de transmissão nos cabelos

Os anéis de Saturno são a força centrí-  
fuga centrípeta que lhe agita os braços  
no espasmo amoroso

Halley o metropolitano

75 milhões de anos-luz atravessam-na da cabeça  
à cauda

deito-me com ela todas as noites na via láctea

1949



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

dgARTES  
DIRECÇÃO-GERAL  
DAS ARTES

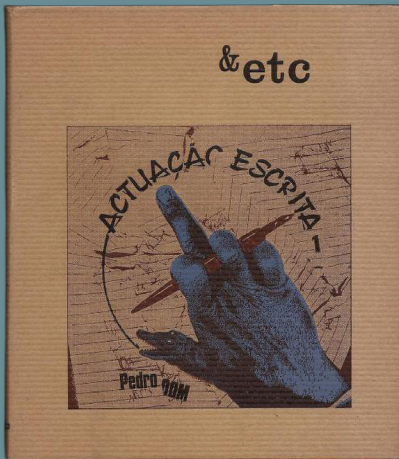
DIGA  
33

POESIA NO TEATRO  
programa elaborado por  
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

O ABJECCIONISMO  
de PEDRO OOM

por  
MARIA de FÁTIMA  
MARINHO





Nascido em Santarém a 24 de junho de 1926, **FRANCISCO PEDRO dos SANTOS OOM do VALE** foi viver para Setúbal com dois anos de idade. Aos 11 anos, a família fixou-se em Lisboa. O pai esperava que o filho ingressasse no Colégio Militar, mas o amor à liberdade falou mais alto com uma matrícula na então Escola Industrial António Arroio. Foi aí que conheceu Júlio Pomar, Vespeira, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, e tantos outros que viriam a aderir ao surrealismo em ruptura com as teses neo-realistas que então se impunham. É um dos surrealistas da primeira hora, colaborando nas experiências do Cadáver Esquisito. Órfão de pais aos 24 anos, ingressou nos quadros do Instituto Nacional de Estatística como funcionário público. Afasta-se, então, de toda a actividade artística e literária, ainda que nunca tenha deixado de desenhar e de escrever esporadicamente. Abandona o funcionalismo público em 1962, a ele regressando, via Ministério da Educação Nacional, dois anos depois. Faleceu no Restaurante «13», a 26 de abril de 1974, quando festejava com amigos os acontecimentos políticos que então se viviam apaixonadamente.

## ACTUAÇÃO ESCRITA

Pode-se escrever

Pode-se escrever sem ortografia

Pode-se escrever sem sintaxe

Pode-se escrever sem português

Pode-se escrever numa língua sem saber essa língua

Pode-se escrever sem saber escrever

Pode-se pegar na caneta sem haver escrita

Pode-se pegar na escrita sem haver caneta

Pode-se pegar na caneta sem haver caneta

Pode-se escrever sem caneta

Pode-se sem caneta escrever caneta

Pode-se sem escrever escrever plume

Pode-se escrever sem escrever

Pode-se escrever sem sabermos nada

Pode-se escrever nada sem sabermos

Pode-se escrever sabermos sem nada

Pode-se escrever nada

Pode-se escrever com nada

Pode-se escrever sem nada

Pode-se não escrever

1966

## AS VIRTUDES DIALOGAIS

Dentro

de mim

há uma planta

que cresce

alegremente

que diz

bom dia

quando nos amamos

ao entardecer

e boa noite

quando florimos

à alvorada

uma árvore

que não está com o tempo

este tempo

a que chamamos

nosso.

1968

## AS VIRTUDES DIALOGAIS

Sinto a tua altiva elegância

como um ângulo recto

Que queres

falta-me a força pra torcer-te o ar